



## SOCIEDADE

# Nesta ópera de Mozart a moral é a de quem sabe o que é estar preso

Trinta jovens reclusos da prisão de Leiria e cinco solistas profissionais, sob a direcção da Sociedade Artística e Musical de Pousos, participam no projecto Ópera na Prisão, que se estreia hoje na cadeia

**Reportagem**  
**Ana Dias Cordeiro** (texto),  
**Nuno Ferreira Santos**  
 (fotografias)

Os movimentos dos reclusos querem-se largos, como as vozes do coro e solistas que ecoam Mozart por entre vidros partidos de um espaço quase abandonado — um pavilhão da Quinta do Lagar d'El Rei transformada, nos anos 1940, no Estabelecimento Prisional de Leiria para jovens. Tudo o que fazem, porém, está absolutamente delimitado pelo rigor dos horários e o acompanhamento obrigatório dos guardas. Às 19h estão fechados nas suas celas.

Neste pavilhão, que foi uma fábrica de cerâmica e depois uma tanoeira (entretanto desactivada) para as actividades dos reclusos, as horas dedicadas aos ensaios ganham assim a dimensão do que é excepcional e raro. Do que “salva e redime”, como dirá o encenador cubano, David Ramy, professor de Teatro na Sociedade Artística Musical dos Pousos (Leiria).

“O projecto está ganho”, diz Ramy, desde o dia, na semana passada, em que ouviu alguns presos, enquanto o ajudavam a limpar o pavilhão para o espectáculo no qual participam, a cantar árias da Ópera de Mozart *Così Fan Tutte*.

“São reclusos e estão a cantar árias complicadíssimas de Mozart. Abriram o seu leque de sons”, acrescenta David Ramy, com entusiasmo, no intervalo de um dos ensaios, da última semana, para o espectáculo de estreia, na tarde de hoje, que terá a Orquestra Gulbenkian a tocar dentro de uma prisão.

O Projecto Ópera na Prisão nasceu na Sociedade Artística Musical dos Pousos (SAMP) — que em 2016, numa primeira parte, levou a ópera de *Don Giovanni* à

Gulbenkian em Lisboa.

Nesta segunda parte do projecto, que resulta de uma parceria com a prisão de Leiria, a SAMP propõe *Só Zerlina, ou Così Fan Tutte*. A estreia de hoje é aberta ao público na prisão. Nos dias 12 e 13 de Julho, será a vez de 20 dos 30 reclusos que participam no projecto irem à Gulbenkian representar e cantar.

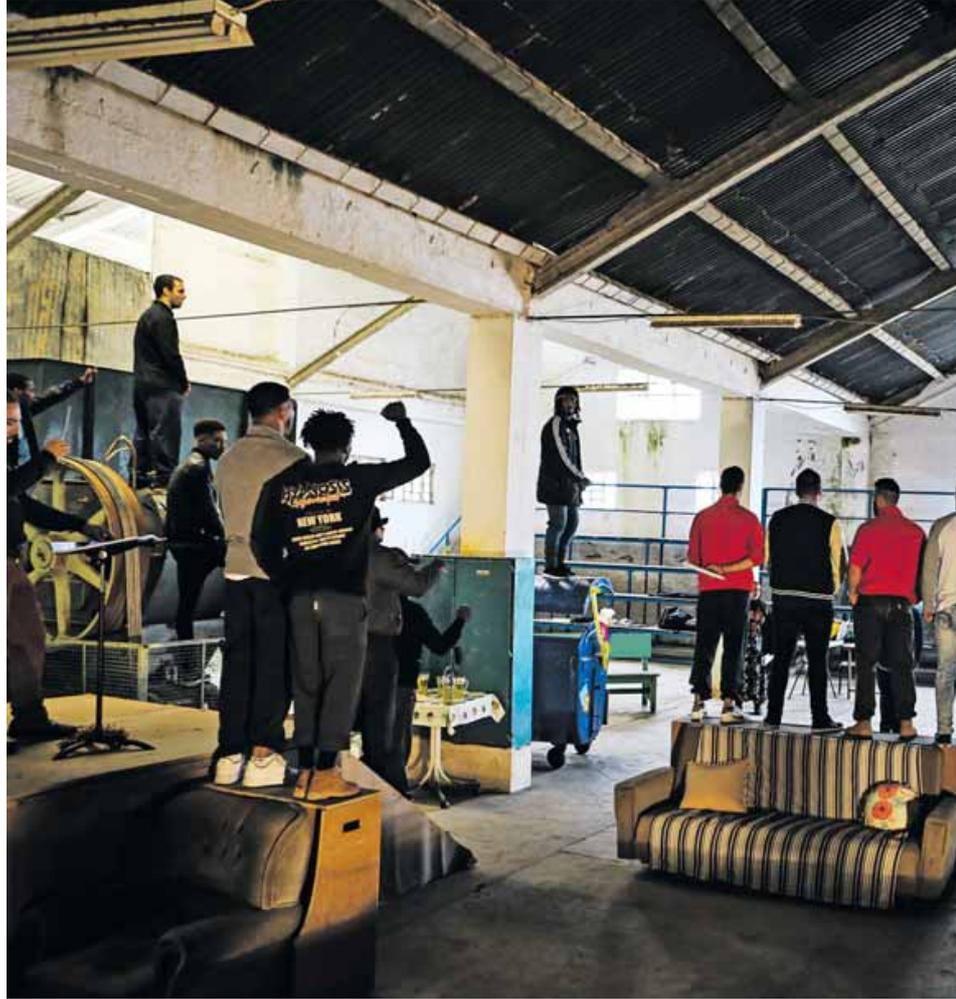
Entre o grupo original, não poderão ir a Lisboa aqueles que cumprem prisão preventiva, ou têm como pena acessória uma ordem de expulsão de Portugal (acontece com o brasileiro Michael Ramos), ou ainda um castigo por uma infracção disciplinar nos últimos seis meses.

O envolvimento das famílias num dos coros do espectáculo, em que também participam dez funcionários do Estabelecimento Prisional ou da Direcção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais, é uma das novidades desta segunda parte do projecto que começou em 2017. “A chave para o sucesso da não-reincidência é a família”, salienta o director artístico Paulo Lameiro. “E, por isso, também fomos ensaiando com eles [nas localidades onde residem, país fora].”

Mães, irmãos, namoradas ou amigos vão subir ao palco. “A mãe, o irmão, a namorada são quem estará à porta da prisão quando os jovens terminarem a pena. Têm de ser envolvidos”, diz Paulo Lameiro.

Nem todos os jovens têm família a participar no projecto. “Nem todos os jovens têm família”, enfatiza Lameiro. Alguns não têm como aproveitar os cinco minutos diários a que têm direito para falar com alguém do telefone da prisão.

Para os que têm família, a música, “esta música”, será uma forma de aproximação, através dos ensaios, do espectáculo, da partilha em vista de um objectivo comum, como metáfora do futuro



“

**São reclusos e estão a cantar árias complicadíssimas de Mozart. Abriram o seu leque de sons**

**David Ramy**  
 Encenador



dos jovens enquanto projecto também pertencente às famílias.

**Ódio e crime, amor e morte**

Para os reclusos, a presença da família tem um significado, como o tem o próprio espectáculo. “Toda a grande ópera aborda a natureza humana, o crime, o ódio, a morte, o amor. Coisas que eles conhecem muito bem. Ou que desconhecem em absoluto”, diz Paulo Lameiro.

Ao libreto foram adaptados retalhos da vida

dos reclusos que os próprios escolheram. “Na ópera, há sempre uma moral. A linguagem é do Mozart. Aqui queremos que seja a moral do Mathieu, do Fábio, do Joel, do Tiago”, diz o director artístico.

Paulo Lameiro realça a importância de os jovens partilharem o palco com cantores profissionais: para que se deixem tocar, pela primeira vez, pela emoção e a intensidade da ópera; para que essa nova experiência lhes abra o espaço necessário para exprimir as suas próprias emoções.



## “Toda a grande ópera aborda a natureza humana, o crime, o ódio, a morte, o amor. Coisas que eles conhecem muito bem. Ou que desconhecem em absoluto

**Paulo Lameiro**  
director artístico

No pavilhão, as horas dedicadas aos ensaios ganham a dimensão do que é excepcional e raro



do concelho de Leiria, sob a responsabilidade do músico Paulo Lameiro, levam a música a hospitais e prisões, a serviços de pediatria e de psiquiatria e também a doentes em estado terminal no hospital ou em casa – no âmbito do programa Aqui Contigo.

David Ramy conta que há muito pouco tempo cumpriram o desejo de um doente em fim de vida que queria ouvir *Stairway to Heaven*, dos Led Zeppelin. “Tudo aquilo que esvazia a alma também enche”, diz sobre o programa Aqui Contigo. “Mata e salva com a mesma intensidade.” E dentro de grades? “Aqui, a música salva e redime”, diz com o mesmo olhar que cintila.

Alguma coisa mudou em Fábio Veiga com este projecto. “O relacionamento com as pessoas”, sintetiza, antes de se soltar e dizer: “É bom sentir que as pessoas confiam na gente, que nos dão uma oportunidade, que não têm preconceitos por estarmos onde estamos. Sabemos que um dia, quando sairmos daqui, o preconceito pode impedir-nos de ter um trabalho.”

Para Mathieu Pinto (que também faz solos), a ópera “mudou a maneira de ver a música e de percebê-la”. Diz: “Mudou os meus

objectivos. Descobri que era capaz de coisas que não sabia.” Cantar ópera, além de cantar *rap* e de escrever.

### **Dos 16 aos mais de 25 anos**

É um dos quatro reclusos do coro que deram mais um pouco de si através das letras de uma serenata escrita a várias mãos, com estes versos: “*Os anos truncados trouxeram mudança. Abri os olhos e mantive a esperança. (...) Sim, é verdade, um homem consegue mudar. Apesar do azar de uma porta fechar. Abre uma janela, pois a vida é bela. Abraça a derrota e aprende com ela.*”

Os mais jovens reclusos de Leiria têm 16 anos. A média das idades dos quase 200 presos é 20 anos. Alguns já ultrapassaram os 25 anos, apesar de esta prisão ter sido pensada apenas para receber pessoas até aos 21 anos.

As penas são pesadas: roubos com agressão, omissão de auxílio, pelo menos um homicídio qualificado, em que o recluso “perdeu a cabeça”, depois de uma questão laboral mal resolvida com o ex-patrão. Já cumpriu metade dos 15 anos de pena a que foi condenado.

Com a maioria das penas longas, a luz que lhes dá

perspectiva são as saídas precárias, avaliadas pelos técnicos da Reinserção Social de acordo com o comportamento do jovem e o enquadramento das famílias: nestas saídas, os presos, vão e voltam sem polícia. Mas estas são também ocasiões em que podem recair, não regressar logo, ou (sob pressão dos colegas que ficam) trazer do exterior drogas ou telemóveis, o que os obriga a recomeçar o caminho, dentro de grades, a partir do zero.

“O mais difícil foi o princípio”, dizem Fábio, Tiago e Mathieu. “O vir de fora e cair cá dentro. É um choque. É difícil estar longe da família. Por outro lado, é essa saudade que nos faz reflectir”, acrescenta Fábio.

Michael Ramos tinha 18 anos quando entrou. Agora com 23 anos, está a dois meses de cumprir os dois terços da pena que o levarão à liberdade. Vai directo para o Brasil, apesar de toda a família estar em Portugal, por ter uma pena acessória de ordem de expulsão. Michael fala, como canta. Com toda a segurança: “Quando sair da prisão, quero ir ver uma ópera.”

O projecto estende-se por três anos: no primeiro, os presos conhecem os artistas e tomam contacto com instrumentos musicais – “Nós aprendemos *rap* ou *afrobeat* e eles aprendem violino ou clarinete”, diz Paulo Lameiro; no terceiro e último, vão criar neste espaço onde ensaiam um local permanente para o desenvolvimento de actividades artísticas, um espaço que será aberto à comunidade e que ficará com o nome de Pavilhão Mozart; na fase actual (a segunda) montam a ópera, ao lado dos cinco solistas Alexandra Bernardo, Cátia Moreso,

Carolina Leal, Pedro Rodrigues e Jorge Martins e do maestro José Eduardo Gomes.

O Projecto Ópera na Prisão é apoiado pelo Portugal Inovação Social e pela Fundação Calouste Gulbenkian no âmbito do seu programa Partis II – Práticas Artísticas para a Inclusão Social que existe desde 2015 e apoia projectos que privilegiam a arte como meio de intervenção social. A ópera *Don Giovanni*, em moldes semelhantes, teve o apoio do Partis I.

No seu leque de actividades, os profissionais da SAMP, associação

acordeiro@publico.pt



Edição Lisboa • Ano XXIX • n.º 10.276 • 1,70€ • Sábado, 9 de Junho de 2018 • Director: David Dinis Adjuntos: Diogo Queiroz de Andrade, Tiago Luz Pedro, Vítor Costa Directora de Arte: Sónia Matos

**Público**



**Igualdade de género**  
Comissão acusa canal infantil de censurar beijo lésbico  
*Sociedade, 15*



**Ópera**  
Hoje irá cantar-se Mozart na prisão de Leiria  
*Sociedade, 16/17*

# Cativações Regulador da Saúde diz ter independência ameaçada

Entidade Reguladora tem 9% do orçamento cativo, mas ainda deverá sofrer novo congelamento, o que terá “consequências graves para o desempenho” da actividade e “compromete” a independência” *Sociedade, 12*

**Anthony Bourdain (1956-2018)**  
**O rebelde que mostrou que a grande cozinha pode estar em qualquer lado**  
*Opinião de Francisco Seixas da Costa e Miguel Esteves Cardoso p2 a 4 e 55*



**Marcelo soube da OPA à EDP dois dias antes do anúncio**  
Chineses informaram Presidente da operação, mas sem dar detalhes *p8*



**Seleção chega a Moscovo para cumprir o sonho do Mundial**  
Seleção fica instalada em complexo de topo. *Por David Andrade, em Moscovo p50/51*

**Colagem de Rio a Costa preocupa sociais-democratas**  
Desafio para um pacto na saúde e disponibilidade para viabilizar pacote laboral estão a preocupar PSD. CDS queixa-se que Rui Rio anda a reboque da sua agenda *p6/7*

**J Caminhos de Santiago**  
**Chegar com os olhos postos no mar**

**Portugal luta pela Web Summit para se manter visível**  
**Tecnologia** Munique e Valência apresentaram propostas para ficar com o evento que todos os anos traz empresas, atenção e dinheiro a Lisboa *p20*

**Governo desiste da taxa sobre o sal e tenta acordo com indústria**  
Governo está a negociar com a indústria agro-alimentar e com a distribuição a redução voluntária e faseada, ao longo de três anos, do sal, açúcar e gorduras *p15*

**PUBLICIDADE**

**GANHE 1 LIVRO DA FUNDAÇÃO HOJE**  
RECORTE O CUPÃO NESTE JORNAL



FUNDAÇÃO FRANCISCO MANUEL DOS SANTOS **P**

ISSN-0872-1548